



NEM HOMO SAPIENS, NEM DEUSES: SOMOS HUMANOS

ANA CAROLINA DE FARIA SILVESTRE

Professora Adjunta da Faculdade de Direito do Sul de Minas - FDSM. Doutoranda, Mestra e Especialista em Ciências Jurídico-Filosóficas da Universidade de Coimbra, Portugal. Coordenadora do Grupo de Estudos Educajus. Membro da Unidade de Pedagogia Universitária e Didática do Direito da Universidad de Chile. Membro da Rede Brasileira de Direito e Literatura. Membro da International Research Collaborative network intitulada Law, Reason and Emotion. Membro da Collaborative Research Network intitulada Law and Emotion.

ANA LISSA LIMA SANTOS

DONIZETE JAYME D`ANDREA FILHO

LETÍCIA M. MARTINS

MARESSA M. MENDES

SARA KAROLINY HIGINO DE ARAÚJO

O que nos torna humanos? Esse provavelmente é um pensamento desde os primeiros relatos artísticos e cognitivos acerca da reflexão humana. O que nos diferencia das outras espécies animais? Análise que se torna ainda mais profunda quando levamos em consideração que a nossa espécie, Homo sapiens, não foi a única do gênero humano em todo o curso da história. Por conseguinte, como essa espécie logrou êxito sobre todas as demais, mesmo sendo uma das mais vulneráveis fisicamente?

Segundo Harari, o Homo sapiens domina o mundo porque é o único animal capaz de cooperar de forma flexível em largo número e o faz por ser a única espécie capaz de

acreditar em coisas que não existem na natureza e são produtos puramente de sua imaginação, tais como deuses, nações, dinheiro e direitos humanos. O autor afirma que todos os sistemas de cooperação humana em larga escala - incluindo religiões, estruturas políticas, mercados e instituições legais - são, em última instância, ficção.

Começemos pelo início. Todas as espécies de seres humanos, exceto o *Homo Sapiens*, encontram-se por algum motivo extintas. Logo, existe uma característica pertencente a essa espécie que a singulariza perante todas as outras, isto é, uma condição inerente somente aos seres humanos atuais que os levou ao lugar que ocupam atualmente, não sendo essa uma questão meramente evolutiva, uma vez que as outras espécies humanas já extintas não foram existências prévias umas das outras, mas coexistiram no mundo, como relata Harari :

É uma falácia comum conceber essas espécies como dispostas em uma linha reta de descendência, com os ergaster dando origem aos erectus, os erectus dando origem aos neandertais e os neandertais dando origem a nós. Esse modelo linear dá a impressão equivocada de que, em determinado momento, apenas um tipo de humano habitou a Terra e de que todas as espécies anteriores foram meros modelos mais antigos de nós mesmos. A verdade é que, de aproximadamente 2 milhões de anos a 10 mil anos atrás, o mundo foi habitado por várias espécies humanas ao mesmo tempo. E por que não? Hoje há muitas espécies de raposas, ursos e porcos. O mundo de 100 mil anos atrás foi habitado por pelo menos seis espécies humanas diferentes. É nossa exclusividade atual, e não a multiplicidade de espécies em nosso passado, que é peculiar – e, talvez, incriminadora.

Contudo, para alimentar nosso senso de superioridade construído historicamente, delegamos somente às nossas espécies irmãs, também pertencentes ao gênero *Homo*, a condição de animal. Afinal, não havia nada de especial entre os chamados humanos arcaicos que os diferenciavam significativamente das outras espécies animais. Eles caçavam, formavam laços, amavam, procriavam, brigavam por status e poder, mas as outras espécies faziam as mesmas coisas, muitas vezes até de maneira mais eficiente .

Assim, nesse ambiente altamente complexo e competitivo, de conjuntura animal e insignificância da espécie humana no ambiente natural, uma pré-disposição genética fez surgir no decorrer do tempo um mecanismo essencial para a sobrevivência e perpetuação do homem na Terra: a linguagem. Segundo José Luiz Fiorin :

A linguagem responde a uma necessidade natural da espécie humana, a de comunicar-se. No entanto, ao contrário da necessidade de comer, dormir, respirar, manter relações sexuais, etc., ela não se manifesta de maneira natural. Ela deve ser aprendida. No caso da linguagem verbal, ela deve ser aprendida sob a forma de uma língua, a fim de se

manifestar por meio de atos de fala. A língua é um sistema de signos específicos aos membros de dada comunidade.

Por outro lado, estudos científicos demonstram que outras espécies de animais também possuem a capacidade de se comunicarem sobre aspectos da realidade objetiva, concreta e real. Por exemplo, os macacos são capazes de avisarem uns aos outros quando avistam um predador, ou quando há água e comida no território. Então, o que existe de especial na linguagem humana que a torna um mecanismo de sobrevivência e evolução do homem?

A grande questão é que as linguagens das outras espécies são extremamente limitadas e condicionadas às questões práticas do cotidiano. Têm o objetivo de alertar sobre um perigo, informar a existência de alimentos e até mesmo uma forma de atração sexual. Já a linguagem humana pode funcionar tanto como um meio de transmissão dessas mesmas questões práticas do cotidiano, como uma forma de partilhar informações sobre o mundo e, particularmente *Sapiens*, como um meio de partilhar informações sobre os próprios seres humanos. Nas palavras de Harari :

Nossa linguagem evoluiu como uma forma de fofoca. De acordo com essa teoria, o *Homo sapiens* é antes de mais nada um animal social. A cooperação social é essencial para a sobrevivência e a reprodução. Não é suficiente que homens e mulheres conheçam o paradeiro de leões e bisões. É muito mais importante para eles quem em seu bando odeia quem, quem está dormindo com quem, quem é honesto e quem é trapaceiro.

Neste ponto podemos voltar à Grécia antiga de Aristóteles, segundo o qual o homem é um animal essencialmente social, político. Desse modo, há na natureza humana uma tendência a viver em sociedade e isso possibilita ao homem a realização de seu próprio bem. Os únicos que não sentem essa necessidade de associação são os deuses, pois esses são essencialmente perfeitos . Portanto, o isolamento significa a destruição de nossa condição humana, ou seja, quanto maiores forem nossas interações sociais, mais humanos seremos; ao passo que podemos depreender outra menção igualmente fantástica nas palavras de Aristóteles, a concepção de Deus.

Nesse sentido, Harari acrescenta que a linguagem humana comporta algo ainda mais especial e decisivo para o que nos torna humanos: a característica de partilhar informações sobre coisas que não existem na realidade material, isto é, uma realidade imaginada. Essa é a característica que separa os *Homo sapiens* dos chamados humanos arcaicos, pois estes desenvolveram a linguagem apenas no plano das questões práticas, enquanto aqueles foram capazes de criar informações sobre uma infinidade de coisas,

inclusive as que eles nunca viram, tocaram ou cheiraram. A capacidade de criar uma ficção é a singularidade da linguagem dos sapiens.

Grande parte da evolução do homem ao topo da hierarquia biológica gira em torno dessa singularidade linguística, já que por meio dela foi possível o desenvolvimento das instituições e estruturas social, política, econômica e cultural. Estruturas que nos distanciam cada vez mais de nossa natureza animal, ao menos psicologicamente, uma vez que mesmo suprimida ainda habita em nós. Começamos com pequenos núcleos familiares que, partilhando lendas e mitos, foram capazes de aglomerar uma quantidade cada vez maior de seres da mesma espécie, entre sociedades agrárias e megalópoles, até os dias atuais, de sociedades de consumo massificadas e globalização.

Ao mesmo tempo, engana-se pensar que essa ficção está atrelada apenas ao aspecto religioso. Toda a estrutura social é fruto de uma ficção, assim como o Estado, logo, é a evolução desses institutos que possibilita a criação e o desenvolvimento da cultura.

A riqueza de formas das culturas e suas relações falam bem de perto a cada um de nós, já que convidam a que nos vejamos como seres sociais, nos fazem pensar na natureza dos todos sociais de que fazemos parte, nos fazem indagar sobre as razões da realidade social de que partilhamos e das forças que as mantêm e as transformam .

Dessa forma, a cultura é outro ponto que nos distancia da animalidade. Como seres sociais e seres que nascem incompletos no aspecto biológico, somos sempre moldados de acordo com as concepções daqueles que nos criam. Até certo momento do desenvolvimento, o ser humano é completamente dependente dos que estão a sua volta. Não sabe falar, andar, ou alimentar-se e muito menos compreender as ficções que o rodeiam. O ser humano é construído até atingir a capacidade de guiar-se pelos próprios passos e difundir as ficções que fazem parte do seu meio social, dando prosseguimento à constituição histórico-cultural de seu povo .

Interessante notar que o homem pode rebelar-se contra a estrutura cultural vigente dando origem a uma nova, ou ainda contribuir para a sua perpetuação. Em contrapartida, os animais nascem biologicamente quase prontos. Com poucos dias de vida adquirem independência e dão início ao desenvolvimento de seu papel no ambiente natural, como partes de um nicho ecológico. Uma espécie animal vive da mesma maneira durante séculos e séculos, com seu nicho ecológico intrínseco ao seu DNA, assim, provavelmente esse papel só vai mudar se ocorrer uma mudança no seu material genético decorrente de uma evolução natural .

Nesse sentido, a partir do processo evolutivo animal retornamos ao início: o que nos torna humanos? Afinal, animais não constroem mitos, lendas, estruturas sociais; não concebem diferentes visões sobre o mundo; não desenvolvem cultura. Animais são o que são em sua essência. A Humanidade é, portanto, uma construção da espécie Sapiens que coloca o homem em um patamar que não o mesmo do animal Homo Sapiens, nem tampouco entre as divindades por ela mesma criadas. É, na verdade, parte de um processo dialético e evolutivo único, não somente por confabularmos histórias imaginárias e criativas, mas principalmente por acreditarmos e construirmos todo um modo de vida de forma tão poderosa que a própria sobrevivência da realidade objetiva depende do entendimento que fizermos (a seu tempo) do significado das entidades imaginadas. Somos capazes dos horrores da guerra e do genocídio em escala que nenhum animal poderia jamais conceber, ao mesmo tempo, assinamos tratados mútuos de paz e de direitos humanos em discussões que visam ao princípio da dignidade humana para todas os seres humanos do planeta. Em suma, nem Homo Sapiens, nem Deuses, somos Seres Humanos.

Bibliografia

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

FIORIN, J. L. *A linguagem humana: do mito à ciência*. São Paulo: Linguística, 2013.

HARARI, Y. N. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM, 2015.

SANTOS, J. L. dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2017.